Dia 5 — Dos Exercícios de Piedade que se Praticam Durante Estes Nove Dias em Honra de São Francisco Xavier

Entre todos os santos que a santa Igreja venera nos altares, um dos em que hoje parecem ter mais confiança os fiéis é São Francisco Xavier. O ardor e a imensidade de seu abrasado zelo, o extraordinário resplendor de suas heroicas virtudes, a multidão prodigiosa e a autêntica notoriedade de seus portentosos milagres empenham, por assim dizer, a confiança em sua poderosa proteção; e os favores que cada dia se experimentam, concedidos do céu por sua intercessão, acreditam que está bem fundada esta universal confiança. Poucos reinos haverá em todo o universo, poucas províncias se acharão onde não seja conhecido e sumamente venerado o nome de Xavier, onde não se professe uma devoção cheia de confiança ao apóstolo das Índias.

Até os próprios hereges, inimigos declarados da religião católica e de todos os que a professam, viram-se obrigados, em força da verdade, a dar testemunho muito autêntico e nada suspeito da eminente santidade e do portentoso poder de nosso novo apóstolo.

Baldeu, em sua história das Índias, depois de haver falado de São Francisco Xavier como de outro segundo Paulo, acrescenta que foram tão eminentes os dons que recebeu para ser ministro e embaixador de Jesus Cristo que não é possível explicá-los; e poucas linhas depois, sem fazer reflexão de que nos dava um argumento muito concludente contra sua errada seita, diz, dirigindo a voz ao mesmo santo: Prouvera ao céu que, tendo sido tão célebre por teu ministério, nossa religião nos permitisse adotar-te por nosso, ou que a tua não te obrigasse a separar-te de nós como estranho.

Sabida é a veneração que lhe professaram os gentios, até querer levantar-lhe aras e erigir-lhe templos. Chamavam-no o amigo de Deus, o dono da natureza e dos elementos, o homem dos milagres. E, na verdade, vinte e cinco mortos ressuscitados, uns estando para enterrar-se, outros já enterrados, e alguns depois de muitos dias de sepultura; a repentina cura de todo gênero de enfermidades; exércitos de bárbaros postos em precipitada fuga com o sinal da cruz; seu sagrado

corpo, enterrado por mais de dois meses em cal viva, e tão inteiro, tão fresco e palpável depois de oitenta anos como no mesmo dia em que expirou: à vista de tudo isto, quem se admirará de que os fiéis professem tão terna devoção a este grande santo e de que em suas necessidades implorem sua proteção com tanta confiança?

A esta confiança e a esta devoção se devem as piedosas indústrias que se inventaram para implorar e merecer sua intercessão poderosa junto ao Senhor. Tal é a devoção das dez sextas-feiras, que consiste em confessar e comungar cada sexta-feira, se parecer ao confessor, exercitando-se naquele dia em alguma obra de misericórdia, como visitar os enfermos, dar alguma esmola etc., tudo em honra do santo, para empenhá-lo em empregar seu crédito com Deus em nosso favor, a fim de alcançar a graça que se deseja. Depois de comungar, rezam-se dez Pai-Nossos e dez Ave-Marias, com dez vezes o Glória ao Pai; e esta devoção pode fazer-se em todos os tempos.

Mas, entre todas as devoções que se costumam praticar em reverência de São Francisco Xavier, nenhuma está mais autorizada, nenhuma mais universalmente recebida, nenhuma mais acompanhada de grandes bênçãos nem de maiores graças do Senhor que a devoção de sua novena, à qual se dá princípio no dia 4 de março e se acaba no dia 12. O sumo apreço que se deve fazer dela deixa-se reconhecer, tanto das indulgências que a santidade do papa Alexandre VII concedeu primeiramente aos que a fizessem na igreja da Companhia de Jesus de Lisboa, como da indulgência plenária que o papa Clemente XI concedeu a algumas igrejas da Companhia em todo o orbe cristão, para todos os que comungassem nelas no dia doze de março, último da novena e dia em que o santo foi canonizado. O princípio desta devoção foi como se segue.

Pelo fim do ano de 1633, querendo o vice-rei de Nápoles celebrar com extraordinária magnificência a festa da Imaculada Conceição, pediu ao padre Marcelo Mastrilli, filho do marquês de São Marsan, uma das famílias mais distintas de Nápoles, não menos ilustre por seu nascimento que por suas elevadas prendas e por sua rara virtude, que tomasse a seu cargo o adorno da igreja onde se havia de fazer a função. Achava-se um dia o padre dando ordens para a disposição do altar quando, desprendendo-se um martelo de duas libras e caindo com a violência correspondente a mais de cem pés de elevação, deu-lhe tão terrível golpe na cabeça que o derrubou em terra meio morto. Ao golpe sobreveio uma ardente febre acompanhada de agudíssimas dores; um aturdimento de cabeça, uma contração de nervos, um inchaço geral de todo o corpo, com muitos outros sintomas, todos mortais: de maneira que, julgando-se que lhe restavam poucas horas de vida, só se tratou de administrar-lhe os últimos sacramentos; e, não podendo receber o viático pelos frequentes vômitos e por lhe haverem apertado muito os dentes, somente se lhe administrou a santa unção. Estava o aposento cheio de gente, aguardando todos por instantes o último de sua vida, quando o enfermo, que durante a enfermidade não havia cessado de invocar a São Francisco Xavier, viu de repente o santo diante de si em traje de peregrino, com bordão e esclavina sobre a batina da Companhia, cercado seu semblante de resplendores de glória. Tinha o padre Marcelo ao pescoço uma relíquia do *lignum crucis*, a qual lhe ordenou o santo que aplicasse à ferida e que ao mesmo tempo fizesse voto de passar ao Japão para receber a coroa do martírio que o céu lhe tinha destinada. Deu-lhe muitos conselhos saudáveis em ordem à sua própria perfeição e assegurou-lhe que todos os que por espaço de nove dias, contando desde quatro até doze de março, implorassem sua intercessão junto a Deus, confessando e comungando em um deles, experimentariam infalivelmente os efeitos

de sua poderosa proteção e conseguiriam do Senhor tudo quanto lhe pedissem, como fosse conveniente para sua eterna salvação e para a maior glória do mesmo Deus.

Embora os circunstantes não vissem o santo, bem conheceram todos que se passava alguma coisa extraordinária com o enfermo. Notaram em seu rosto uma grande serenidade, acompanhada de um gesto doce e risonho; viram-no abrir repentinamente os olhos e observaram que os tinha respeitosamente fixos em algum objeto para o lado da cama; percebiam umas meias palavras e viam correr suavemente por seus olhos dulcíssimas lágrimas de devoção; reparavam alguns afetuosos movimentos, como que se dirigiam a alguma pessoa que lhe estava falando; e, enfim, viram todos a ação de aplicar o relicário à ferida. Este conjunto de coisas fez entrar em expectação os circunstantes, os quais, conhecendo que ali havia alguma visão extraordinária, esperavam por momentos ser testemunhas de alguma grande maravilha. Não tardaram muito em vê-la: incorporou-se o enfermo na cama por si só com vigoroso denodo e, levantando os olhos e as mãos ao céu, exclamou cheio de ternura: «Padres meus, eu estou são; São Francisco Xavier operou este milagre comigo; deem-me minhas vestes para levantar-me imediatamente, e vamos todos à igreja cantar o *Te Deum* em ação de graças.»

À vista de sucesso tão maravilhoso, de milagre tão público, tão circunstanciado e tão visível, ficaram atônitos e como mudos todos os circunstantes; mas não durou muito o silêncio. À admiração sucedeu o gozo; ao gozo, os gritos da devoção e do aplauso com que celebravam o milagre. Estendeu-se logo a notícia por toda a cidade; concorreu toda ela atropeladamente a nosso colégio para ver e admirar aquele homem ressuscitado. O vice-rei, a nobreza, os religiosos, os eclesiásticos, os prelados que no dia antes o haviam visto nos braços da morte vêm vê-lo hoje assombrados no altar, onde quis celebrar no dia seguinte o santo sacrifício à vista de todo o povo. Por muitos dias não foi possível desafogar-se a casa do tropel de gente que acudia a olhar aquele homem portentoso, a quem São Xavier havia livrado da morte para que no Japão sacrificasse sua vida pela fé de Jesus Cristo.

Com efeito, partiu sem deter-se um ponto à missão e à coroa que o céu lhe tinha preparada. Ao passar por Roma e por Madri, ele mesmo referiu ao papa Urbano VII [^1], ao rei Filipe IV, à rainha e a toda a corte o milagre, cuja notícia já se havia difundido por todas as partes e de que ele mesmo era matéria, testemunho e prova. Apenas entrou no Japão foi preso por cristão e condenado ao tormento da fossa, onde esteve pendurado quatro dias, ao cabo dos quais lhe cortaram a cabeça, em 17 de outubro de 1638, quatro anos depois de sua milagrosa cura pelo apóstolo das Índias.

Logo que a alcançou, subiu ao púlpito o padre Mastrilli e publicou em Nápoles a promessa que lhe havia feito São Francisco Xavier em favor dos que fizessem sua novena, empenhando sua palavra de que lhes alcançaria do Senhor tudo o que por intercessão sua lhe pedissem, sendo conducente para a salvação eterna de suas almas. Com a notícia de tão celestial promessa e à vista do milagre que acabava de suceder, fez-se logo comum esta devoção; mas bem depressa passou de comum a célebre, com a experiência dos singulares favores que recebiam os que a praticavam. De Nápoles se estendeu por toda a Itália; dali passou à Catalunha e propagou-se nos reinos de Valência e de Aragão. Foram tantas as portentosas conversões, as curas milagrosas, as graças extraordinárias, e foram tão universais as bênçãos de todo gênero que se experimentaram com esta devoção que

por fim se arraigou na Espanha, em Portugal, na França, nos Países Baixos, na Polônia e na Alemanha. São poucas as cidades e até os lugares onde não se celebre com imenso fruto; é tão grande o concurso, tanto o fervor e tão geral a confiança que esta mesma universal solicitude parece ter algo de maravilhoso.

Muito poucos são os que não possam aproveitar-se de auxílio tão poderoso. Já se sabe que o caráter de São Francisco Xavier foi o ardente zelo pela salvação das almas; tanto que, mesmo depois de morto, quis, digamo-lo assim, como empenhar-se, em virtude desta devoção, em fazer-nos bem; quis beneficiar o crédito que logra com Deus em utilidade comum; e quis enfim não só tornar eficaz seu zelo, mas de certa maneira torná-lo também imortal.

Dá-se princípio à novena no dia 4 de março, como se disse, e acaba-se no dia 12, em que foi o santo canonizado; como que quis ser singularmente invocado naquele preciso tempo em que, pondo-o a Igreja no catálogo dos santos, o expôs publicamente às orações e à veneração dos fiéis.

O fruto de toda devoção pende em grande parte, por não dizer em tudo, da interior disposição com que se faz. E assim é necessário que se dê princípio à novena pondo-se antes de tudo em graça de Deus: porque o Senhor jamais ouve os pecadores enquanto estão em ânimo de perseverar no pecado: *Iniquitatem si aspexi in corde meo, non exaudiet Dominus*, diz o Profeta. Se ao privado de um príncipe se quisesse empenhar em que alcançasse do soberano alguma graça para um vassalo rebelde, daria ouvidos a semelhante súplica enquanto o vassalo persistisse em sua rebeldia? Não esperaria que este se reduzisse a seu dever, ou ao menos que quisesse fazê-lo, aplacando com o arrependimento e com a submissão a cólera do monarca? Pois sirva este símile de regra para nossas devoções.

Os que pedem devem fazê-lo com fé e com confiança; porque estas duas virtudes são sempre parciais das súplicas, e elas dão vigor aos rogos: uma fé tíbia e uma confiança vacilante tudo estragam. *Credite quia accipietis* [^2]: quando pedes, crê firmemente que serás bem despachado, e com efeito o serás. *Petitis, et non accipitis*, diz o apóstolo Tiago [^3], *eo quod male petatis, ut in concupiscentiis vestris insumatis*: pedis e não alcançais, porque pedis mal, pretendendo interessar o céu não em favor de vossas verdadeiras necessidades, mas em obséquio de vossas perniciosas inclinações. Seja o principal motivo, seja o primeiro móvel de nossas orações a maior glória de Deus e o maior bem de nossas almas, e por certo que serão bem despachadas. Talvez seria tão prejudicial para nós o que pedimos aos santos que o maior benefício que podem fazer-nos é impedir que sejamos ouvidos.

Embora esta novena possa ser igualmente meritória diante de Deus e agradável a São Francisco Xavier, feita em particular como em público, especialmente quando não se pode sair de casa por legítimo impedimento de enfermidade, ocupação ou estado; embora neste caso baste praticar regularmente cada dia os exercícios de piedade diante da imagem do santo; contudo, a todos os que não tiverem embaraço se aconselha que acudam à igreja onde há capela ou altar dedicado ao santo; porque, além de que a prática comum deve servir a todos de regra, não é duvidável que há alguns lugares onde parece que os santos querem ser especialmente reverenciados.

Martirológio Romano

Em Antioquia, o trânsito de São Foca, mártir, o qual, depois de padecer muitas injúrias pelo nome do Redentor, triunfou tão gloriosamente da serpente antiga que, em sinal desta vitória, qualquer que seja mordido de alguma serpente, logo que com fé toca a porta da basílica deste mártir, perdendo o veneno sua atividade, fica milagrosamente são.

Em Cesareia da Palestina, Santo Adriano, mártir, o qual, no tempo de Diocleciano, foi exposto a um leão por ordem do presidente Firmiliano porque confessava a Jesus Cristo; depois conseguiu a coroa do martírio tendo sido dilaceradas suas carnes com ganchos de ferro.

No mesmo dia, a paixão de Santo Eusébio, palatino, e outros nove mártires.

Na mesma cidade de Cesareia, São Teófilo, bispo, esclarecido em sabedoria e em santidade no tempo do imperador Severo.

Também na Palestina, na margem do rio Jordão, São Gerásimo, anacoreta, o qual floresceu em santidade no tempo do imperador Zenão.

Missa (oração)

A oração que se diz na missa de São Francisco Xavier é como segue.

> **Latim:** *Deus, qui Indiarum gentes beati Francisci prædicatione et miraculis Ecclesiæ tuæ aggregare voluisti; concede propitius, ut cujus gloriosa merita veneramur, virtutum quoque imitemur exempla. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que quisestes agregar à vossa Igreja as nações das Índias pela pregação e pelos milagres de São Francisco Xavier, concedei-nos que, pois veneramos a glória de seus insignes merecimentos, imitemos também os exemplos de suas heroicas virtudes. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 dos Atos dos Apóstolos.

Atos dos Apóstolos 5,12-16

> **Latim:** 12 Per manus autem Apostolorum fiebant signa et prodigia multa in plebe. Et erant unanimiter omnes in porticu Salomonis. 13 Ceterorum autem nemo audebat se conjungere illis : sed magnificabat eos populus. 14 Magis autem augebatur credentium in Domino multitudo virorum ac mulierum, 15 ita ut in plateas ejicerent infirmos, et ponerent in lectulis et grabatis, ut, veniente Petro, saltem umbra illius obumbraret quemquam illorum, et liberarentur ab infirmitatibus suis. 16 Concurrebat autem et multitudo vicinarum civitatum Jerusalem, afferentes ægros, et vexatos a spiritibus immundis : qui curabantur omnes.

Português: 12 E pelas mãos dos apostolos se fazião muitos milagres, e prodigios entre a plebe: e estavão todos unanimes no portico de Salamão. 13 E nenhum dos outros ousava ajuntar-se com elles: mas o povo lhes dava grandes louvores. 14 E cada vez se aumentava mais a multidão dos homens, e mulheres, que crião no Senhor, 15 de maneira, que traziaõ os doentes para as ruas, e os punhão em leitos e enxergões, a fim de que ao passar Pedro, cobrisse sequer a sua sombra alguns d'elles, e ficassem livres das suas enfermidades. 16 Assim mesmo concorrão enxames d'elles das cidades vizinhas a Jerusalem, trazendo os seus enfermos, e os vexados dos espíritos immundos; os quaes todos erão curados.

Nota

«O mesmo São Lucas, que escreveu o evangelho que leva seu nome, escreveu também a história dos Atos apostólicos, e o mesmo Espírito Santo que lhe ditou o primeiro lhe ditou igualmente a segunda. O livro dos Atos dos Apóstolos é como apêndice ou adição da história evangélica, contendo-se nos fatos que se referem nele o dogmático, o histórico e o moral de nossa religião.»

Reflexões

Fora da verdadeira religião não pode haver milagres verdadeiros. Devem considerar-se estes como uma linguagem privativa de Deus, como sinais de que só Deus pode valer-se para ensinar-nos aquelas verdades em que pretende instruir-nos; idioma que entendem todos os que sinceramente buscam a verdade. Que homem de razão poderá pôr em dúvida aqueles milagres que tiveram por testemunhas os maiores inimigos dos mesmos que os operavam, cujo fruto foi a conversão de todo o mundo? Bem se pode assegurar que só a Igreja de Jesus Cristo é a que jamais esteve sem algum milagre e que não há que buscá-los fora dela. São muito poucos os santos que não tenham feito algum. E quem será tão temerário que se atreva a negar todos os milagres? Nem que homem de juízo duvidará daqueles por cujo meio converteu São Francisco Xavier a maior parte do Oriente?

Que milagre se encontra entre os protestantes? Nenhum outro, por assim dizer, senão sua incredulidade, que é tão assombrosa como os maiores milagres. Não há seita no mundo que não seja obra de alguma paixão humana. Sua origem, seus progressos, sua conservação, tudo cheira a homem, e não cheira a outra coisa: os milagres mostram a religião de muito outra maneira.

Que riso dá ver certos homenzinhos de curto entendimento que imaginam elevar-se por não crer milagre algum; que se persuadem de que o segredo para evitar a confusão de verem-se enganados se creem algo com demasiada ligeireza é negar tudo; não advertindo que, se é simplicidade crer o que se ouve sem provas suficientes, é espécie de insensatez não crer o que se propõe suficientemente provado. O entendimento que desconfia da veracidade de quase todos os séculos passados e que se entrincheira tenazmente contra o testemunho de nações inteiras, nisto só acredita bem sua insuficiência e faz as provas de sua imbecilidade. Há mais de dezessete séculos que toda a Igreja conspira em crer a verdade dos milagres que operaram os apóstolos. Santo Agostinho, aquele milagre dos engenhos, aquele bispo tão santo, refere as milagrosas curas que se operaram em sua igreja catedral de Hipona à sua própria vista e em presença de inumerável povo; nomeia as pessoas, especifica as circunstâncias, prega sermões sobre o assunto, traz à memória de seus ouvintes aqueles prodígios de que eles mesmos foram testemunhas, imortaliza a história deles em suas obras, faz que se leiam publicamente na igreja nos dias festivos e cita os circunstantes por testemunhas dos fatos que estão escutando.

São Paulino, aquele homem admirável, tão louvado pelos quatro mais célebres doutores da Igreja, conta os prodigiosos sucessos que ele mesmo viu por seus próprios olhos na igreja de São Félix de Nola.

São Gregório, aquele grande pontífice, aquele grande santo e um dos maiores engenhos de seu século, publica em Roma suas obras. Refere nelas milagres portentosos com todas as circunstâncias particulares que os acompanharam. Nomeia as pessoas; individualiza o tempo e os lugares onde sucederam; põe por testemunhas de tudo quanto diz magistrados, bispos, os homens da primeira distinção de cidades e reinos inteiros.

São Bernardo, aquele prodígio de seu tempo, teve por testemunhas de seus milagres mais de seis mil pessoas, e entre elas muitos cismáticos, muitos hereges, que não puderam deixar de publicar o que viram por seus olhos.

São Domingos, aquele ilustre fundador de uma das mais augustas e das mais santas religiões da Igreja, ressuscita mortos em presença dos maiores prelados, de cardeais, em meio da própria Roma e à vista daquele imenso povo. O incomparável São Francisco de Assis é ele mesmo um prodígio animado.

Finalmente, São Francisco Xavier, aquele homem extraordinário, enche de inauditos portentos todas as Índias; prognostica as coisas futuras com profecias muito circunstanciadas; fala a um mesmo tempo vinte línguas diferentes; resolve com uma só resposta dez ou doze distintas questões; restitui a vista aos cegos, a fala aos mudos, o ouvido aos surdos; ressuscita vinte e cinco mortos, um deles depois de três dias defunto: tudo isto à vista de mais de seiscentas testemunhas que, sendo juridicamente perguntadas, depõem estes sucessos milagrosos e os confirmam com

juramento; publicam-no os sumos pontífices: e tem atrevimento um mocinho libertino e dissoluto para negar uns fatos tão públicos, tão notórios e tão autênticos! E tem ousadia para pô-los em dúvida o outro presumido de espírito forte, cuja debilidade de cérebro se descobre por tantos lados! Certamente nenhuma coisa prova tanto a pobreza e a malignidade do entendimento e do coração humano como esta voluntária incredulidade.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 14 de São João.

João 14,10-12

> **Latim:** 10 Non creditis quia ego in Patre, et Pater in me est ? Verba quæ ego loquor vobis, a meipso non loquor. Pater autem in me manens, ipse fecit opera. 11 Non creditis quia ego in Patre, et Pater in me est ? 12 alioquin propter opera ipsa credite. Amen, amen dico vobis, qui credit in me, opera quæ ego facio, et ipse faciet, et majora horum faciet : quia ego ad Patrem vado.

Português: 10 Não credes que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim ? As palavras, que eu vos digo, não nas digo de mim mesmo: mas o Pai, que está em mim, esse he o que faz as obras. 11 Não credes que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim ? 12 Crede-o ao menos por causa das mesmas obras. Em verdade, em verdade vos digo, que aquelle, que crê em mim, esse fará tambem as obras, que eu faço, e fará outras ainda maiores: porque eu vou para o Pai.

Meditação

Da invocação dos santos

Primeiro ponto

Considera que, se os santos foram muito amados de Deus quando viviam na terra, não o são menos quando residem no céu. Achando-se tão elevados na glória, que poder não têm com aquele Senhor de quem são tão favorecidos! Se foram poderosos, enquanto estavam em seu desterro, para apaziguar a cólera de Deus e desarmar sua justiça; se puderam, digamo-lo assim, abrir os tesouros da misericórdia em favor dos pecadores; se por seu respeito ofereceu o Senhor perdoar a cinco cidades delinquentes, que não poderão estes ilustres cortesãos da Jerusalém celestial, estes íntimos amigos de Deus, estes favorecidos do Altíssimo ao pé de seu soberano trono!

Todos os santos puderam muito com Deus enquanto viveram; pois quanto poderão depois de mortos? Que maravilhas não operou a sombra só de São Pedro quando vivia na terra? Pois que não fará agora sua intercessão junto a Deus no céu?

Não quis Deus perdoar a Abimelec até que Abraão lho pediu. Nem os amigos de Jó conseguiram o perdão enquanto não intercedeu por eles aquele fidelíssimo amigo seu. Quantas vezes esperou Cristo que os apóstolos lho rogassem para fazer os milagres que lhe pediam! Um cadáver que foi enterrado por casualidade na sepultura de Eliseu ressuscita logo que toca o corpo do profeta. Se têm tanta virtude as relíquias dos santos, se são tão poderosas suas cinzas, que não poderá a solicitude de seus rogos, a eficácia de suas súplicas! E se a Igreja, sempre inspirada e governada sempre pelo Espírito Santo, teve tanto respeito à intercessão dos gloriosos confessores da fé que só por ela perdoava aos mais escandalosos pecadores a maior parte da penitência que correspondia a seus pecados, que não fará aquele Senhor de bondade e de misericórdia logo que os santos se interessam por nós, compadecendo-se de nossas necessidades e empenhando-se de rijo (quero explicar-me desta maneira) a favor dos que os invocam! Oh, quão ditosos somos em ter tantos advogados, tantos e tão poderosos protetores junto a nosso Deus! Que confiança devemos ter em sua intercessão! Julga-se feliz o que logra por seu protetor um grande senhor da corte, algum dos que andam perto do soberano. Pois conhecemos nós nossa ventura, compreendemos bem nossa fortuna em lograr a proteção dos santos e em poder recorrer a eles com toda a confiança? Oh, bom Deus, e que nova prova de vossa infinita bondade é haver-nos dado tão grande número de intercessores junto a vós! Quanto desejais fazer-nos bem, pois nos sugeris tantos meios para obrigar-vos a ter misericórdia de nós!

Segundo ponto

Considera que, se é tão grande o poder dos santos junto a Deus, não é menor a caridade que têm conosco. Seu zelo na glória, por ser mais puro, não é menos ardente. Foram doces, caritativos, compassivos, atentos a nossas necessidades, sensíveis a nossos trabalhos, prontos, oficiosos para servir-nos quando estavam na terra; atrever-nos-emos, pois, a julgá-los menos zelosos, menos caritativos, menos dispostos a favorecer-nos quando se acham no céu?

Não ignoram nossas necessidades; está patente a seus olhos o estado de nossa alma; sabem melhor que nós o que mais necessitamos. Duvidamos acaso de que desejem muito de veras nossa salvação? E aqueles heróis cristãos que se despojaram de seus bens para socorrer os pobres; aqueles que atravessaram os mares para buscar uma alma e para ganhá-la para Jesus Cristo, olharão com indiferença os que nasceram no seio da Igreja e confiados imploram sua proteção?

Tendo sido tão caritativos com os estranhos, será possível que o sejam somente medianamente com seus irmãos? Ah, que têm muito na alma a glória de seu Deus naquela feliz estância do amor mais purificado! Ah, que estão muito instruídos nos amorosos desígnios, nos benéficos intentos do mesmo Salvador! E sabem bem quanto o lisonjeiam em enternecer-se à vista de nossas necessidades, em desejar nossa salvação, em ser sensíveis a nossos trabalhos. E, se há tanto gozo, tanta alegria no céu por um pecador que se arrepende e faz penitência, podemos duvidar de que os santos se interessem pelos pecadores arrependidos e de que consigam de Deus os auxílios de

que necessitem quando humildemente lhos pedem?

Que graças não devemos render à misericórdia de nosso bom Deus por haver-nos proporcionado um meio tão fácil e tão eficaz? A intercessão dos santos importa muito e custa pouco. Grande consolo é saber que os maiores amigos de nosso Deus, que seus mais estreitos favorecidos estão interessados por nós, que podem favorecer-nos muito e querem fazê-lo. Mas que grande perda, que falta tão lastimosa a de não ter muita confiança na intercessão dos santos! E que outra máquina mais perniciosa, que outro artifício mais maligno poderá mover o inimigo de nossa salvação que o fazer-nos perder, ou ao menos conseguir que se diminua em nós esta confiança!

Ela, Senhor, renova-se hoje em mim, e à vista de tão poderosos protetores cobra meu pobre espírito novo alento. Sim, meu Deus, tudo espero de vossa misericórdia, apesar de minha ingratidão e do número infinito de minhas maldades; espero que me haveis de socorrer em minhas necessidades espirituais e temporais por intercessão dos anjos e dos santos; mas sobretudo pela da Rainha dos santos e dos anjos. Com semelhante proteção, quem não terá confiança? E com semelhante confiança, que não se poderá esperar da poderosa proteção dos santos?

Jaculatórias

> *Neque auferas misericordiam tuam a nobis, propter Abraham dilectum tuum, et Isaac servum tuum, et Israel sanctum tuum.* Dn 3.

Não retireis, Senhor, de mim vossa misericórdia, por vosso amado Abraão, por vosso servo Isaac e por vosso santo Israel.

> *Particeps ego sum omnium timentium te.* Sl 118.

Oh, Senhor, e que consolo é o meu em ser participante da intercessão de todos os que vos temem e vos servem!

Propósitos

1. Embora não tenhamos outro mediador junto a Deus que Jesus Cristo, porque só por ele fomos resgatados, dirigimos também nossas orações aos santos, porque eles mesmos são poderosos intercessores junto a Jesus Cristo. Pede-se a Deus que nos socorra em nossas necessidades, e pede-se aos santos que lho peçam a Deus por nós e conosco por meio de Jesus Cristo, fonte de todas as graças. O centurião, cuja fé e cuja confiança louvou o mesmo Salvador, dirigiu-se a Cristo

por meio daqueles dentre os judeus que eram mais do carinho de sua Majestade. Tiago diz que as orações que os justos fazem uns pelos outros são muito poderosas junto a Deus. São Paulo se encomenda às orações dos fiéis; o mesmo Deus manda a Jó que lhe peça por seus amigos; na sagrada escritura lê-se que os anjos e os santos apresentam nossas orações ante o trono de Deus e que Onias e Jeremias, mesmo depois de mortos, lhe pedem por seu povo. Pois que devoção devemos ter com os santos, quanta necessidade temos de suas orações, quanto devemos confiar em sua intercessão! Sendo tão pecadores como somos, rebeldes à lei de Deus, dignos do rigor de sua justiça e talvez objetos de sua cólera, quanto socorro acharemos na proteção da santíssima Virgem e na intercessão dos anjos e dos santos! Aviva hoje tua devoção com estes favorecidos do Senhor; tem suas imagens no oratório e faze que se vejam em todos os cômodos da casa. Não é escândalo que só se vejam retratos e pinturas profanas nas salas e nos quartos dos cristãos? Emenda em tua casa esta desordem. Escolhe cada ano um santo por teu protetor particular; tem outro para cada mês e faze-lhe cada dia alguma oração particular, que pode ser a seguinte:

Oração ao santo ou santa do mês.

«Deus e Senhor, que estais pronto a perdoar os maiores e mais infames pecadores em atenção a um curto número de justos, dignai-vos conceder-me, pela intercessão e pelos méritos de vosso fiel servo (ou serva) São N. (ou Santa N.), meu protetor (ou minha protetora), todos os auxílios, todas as graças de que hei mister neste vale de lágrimas, e singularmente aquela virtude em que mais se assinalou este glorioso santo (ou esta gloriosa santa), com todas as demais de que necessito para minha eterna salvação. Amém.»

«Glorioso São N. (ou gloriosa Santa N.), a quem escolhi por meu protetor (ou por minha protetora) particular durante este mês e em quem terei singular confiança por toda a minha vida, fazei que experimente os doces efeitos de vossa poderosa intercessão junto a meu Deus. Em vossas mãos ponho meus interesses: vós conheceis minhas necessidades e tendes muito na alma a salvação da minha. Pois alcançai-me de nosso Senhor Jesus Cristo todas as graças de que hei mister para consegui-la. Amém.»

2. Sempre se alentou o fervor dos santos com a esperança cristã, sem que algum deles deixasse de esperar com firmíssima confiança todos os bens que a bondade infinita de Deus nos tem prometido e que mereceu para nós o amor de Jesus Cristo. Não houve algum que, mesmo em meio da tribulação, da desolação e do desconsolo, não encontrasse novo recurso, não experimentasse novo vigor na esperança. Esta foi também uma das principais virtudes de São Francisco Xavier. Tempestades, naufrágios, nações amotinadas, obstáculos invencíveis, perseguições, perigos, todo o inferno conspirado contra ele, nada foi bastante para que titubeasse sua confiança; nunca foi maior que quando eram maiores os estorvos. A ninguém temo senão a Deus (escrevia o santo a um amigo seu), e este só temor apaga em mim o de todas as criaturas juntas. Triunfa esta virtude com a perseverança, e só deixa Deus de mostrar-se liberal quando nós começamos a ser pouco confiados.

Oração para o segundo dia da novena.

«Glorioso São Francisco Xavier, grande apóstolo das Índias, cuja heroica esperança se conservou imóvel à vista dos maiores estorvos, em meio dos maiores perigos e até entre o quase total

abandono de todas as coisas, alcança-me, suplico-te, esta virtude consoladora. Faze com tua intercessão que minha confiança em Deus seja cada dia mais perfeita e que também a grande que tenho em tua proteção me alcance continuamente novos favores do céu, e em particular a graça que te peço nesta novena, se for para maior glória de Deus e bem de minha alma. Amém.»

[^1]: O original diz “Urbano VII”; trata-se de Urbano VIII, papa em 1637. [^2]: Mc 11. [^3]: Tg 4.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:40 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:40 by Admin